

Miskovitch e Veronika Mlakar no Teatro de Cultura Artística

J. CORREIA DE SÁ

O primeiro numero do programa do balé do Teatro de Cultura Artística, em seu espetáculo do dia oito do corrente, "Três Movimentos", com coreografia de Ismael Guizer e figurinos de Petrucci, encantou-nos com maravilhosos acordes de íntima fusão da forma e dinâmica coreográficas com a musica de Bach. Em varios "enchainements" entretanto, Guizer se deixou perder na complexidade da construção contraponística baquiana, dispondo o corpo de baile em formulações geométricas que não se deixaram impregnar do envolvente "melos" da tematica devocional sempre presente na obra de Bach. Assim parece-nos ter sido no Segundo Movimento, quando os casais de bailarinos foram dispostos em correspondencia retilinea com as diagonals Cechetti 2/4 e 3/5, e, em seguida, formando o quadrilátero cheio, junto ao proscenio. Contudo, acerto empolgante foi, a nosso ver, a sequencia do Primeiro Movimento em que os casais são dispostos à margem da lateral esquerda, com cada rapaz sustentando sua jovem, e estas, reclinadas de costas sobre o "partenaire", com o olhar erguido para o céu e "sur les pointes", num movimento ondular transverso de corpo, cabeça e braços, elevam as mãos para o alto, situando-se delicadamente em planos diferentes, num gesto de humilde oferenda devocional. Nelde Rossel foi inigualável em sua aproximação do gesto a um tempo esqualido e amoroso, descaído de sensualismo, mas cheio de vida, como reclama a ardente litania do amor de Deus entoada pela musica de Bach. Nessa mesma ordem de apreciação, Suzana Faini, Yolanda Verdier e Adriano Real devem ser igualmente mencionados.

L'Après Midi d'un Faune" foi o segundo numero e também a cota mais elevada do programa, dançado exclusivamente por Miskovitch. A obra é por demais conhecida para entrarmos em detalhes de apresentação. Apenas aplaudiremos o acerto da eliminação das ninfas, uma vez que a montagem original de Diaghilev importaria

na areção da colina, de cujo cimo o fauno cobiça suas agradáveis aparições: — uma impossibilidade talvez no palco relativamente exiguo do Cultura Artística. Quanto à interpretação de Miskovitch, diríamos que em sua criação parece dispor sempre uma componente humana que concorda com o fauno, enquanto criatura de luxuria e dolencia, mas dele discorda, enquanto sensualismo brutal e irracional, como ensina o mito helenico. Assim mesmo, interpretação convicente e de unidade ritmica perfeitamente sustentada; exito tanto mais notavel pelas naturais dificuldades que seriam oriundas do temperamento de Miskovitch, verdadeiro "gentilhomme" de período "Regence", com seu nobre gesto cortês e perfeita figura. Mas que outro fauno lhe terá sido muito superior, se não apenas o do proprio Nijinsky com sua espantosa motilidade brusca e de caráter virtualmente animal?

Denis Grey, talentoso coreografo e bailarino do Municipal do Rio de Janeiro, foi o responsável pelo terceiro numero do programa, "Tragedia Desçante" ou "Salomé Moderna", do qual nos deu libreto e coreografia calcada na conhecida musica de Richard Strauss. A sua versão atualizada de Salomé parece ser a historia do lento despertar da alma fútil através de varias experiencias de saciedade, ao cabo das quais apenas encontra a inquietude e vacuidade que residem no amago de toda satisfação possessiva. A primeira desluzão tem a forma de um vestido, a segunda de vaidade feminina, e assim sucessivamente até o setimo quadro que é quase um fecho de "grand guignol." A idéia do desenvolvimento temático que Denis Grey apresenta, é interessante, mas sua resolução pecou por excessivo esquematismo que chegou mesmo, por vezes, ao nível do enquadramento anedótico. Por outro lado, a sua concepção de Salomé deixou de sugerir aquela insondável dimensão trágica, que é o sacrificio de João Batista pela entada de Herodes, trágica sobre a qual se projeta uma densa sombra do misterio da expiação vicária. Por que, então, afinal de contas, "Salomé"? Em todo o caso, como dança, uma serie de quadros bem compostos, percorridos satisfatoriamente pelo talento de Veronika Mlakar.

Em "Preludios", de Genshwin, Adriano Real dá-nos uma pagina coreografica evocadora da decada 1920/30. Na variegada atmosfera daquela época, perpassada por

ventos que iam desde o debil sopro do desencanto total de após-guerra às lufadas inquietas prenunciadoras de tragedias futuras e à doce brisa ainda reminiscente da "belle époque" e até dos "naughtynineties"; Adriano Real soube colher a inspiração com que tecer uma sarabanda de emoções ludicas e sarabanda de emoções ludicas e despreocupadas — e também levemente apreensivas. Na montagem deste jogo, valeu-se o coreografo de figuras e composições com as "linhas-de-corpo expressivas", que nas audacias ritmicas de Gershwim eram quebradas e animadas pelo movimento acrobatico. Os trajes, a mesinha e as cadeiras, ao fundo, sugestivas de café de "bord de la Seine", juntamente com o fonografo de nossos avós, corresponderam à concepção cenaristica que pretende apenas predispor o espectador a uma mais facil sintonização com o movimento dramático. O élan de Adriano Real, dançando sua propria criação, e a força de originalidade avassaladora da musica de Gershwim impuseram ao corpo de baile uma execução quase perfeita.

Encerrando a noite, Miskovitch e Veronika deram-nos o sempre apreciado "Romeu e Julieta", numa versão plausível e correta, embora pessoalmente reclamássemos de Veronika uma dosagem e titulação dramatica das vivencias de Julieta em maior consonancia com as palpitações do lirismo com que Shakespeare anima a alma da infeliz Capuleto, e que representa talvez a versão de mais arte e veracidade de conexão sobre a tragedia de Veronika.

Regencia e orquestra bem conduzidas pelo labor consciencioso e brilhante de Italo Tasso, principalmente em Bach e Tchaikovsky. Por fim, não seria muito omisso um aplauso para Livio Rangan, arte-são exemplar que está transferindo o Cultura Artística em Teatro do encantamento e já tornando o "balé no Brasil" visível do estrangeiro. Mistio de juventude, sonho e "business", oxalá um dia alcance ele o mesmo plano desse principe das artes que foi Diaghilev. Nenhum elogio-e indecoroso neste voto, com o qual queremos apenas reclamar que em torno de Rangan se congreguem agora um Fortinari, um Vill-Lobos ou outros "grandes", para a tentativa da criação original que seria um monumento de gloria à arte brasileira.

trauss,
a de
ria do
l atra-
de sa-
apenas
cuída-
de to-
a pri-
ma de
cidade
mente
quase
l." A
emat-
ista, é
lução
tismo
es, ao
edoti-
ncep-
gerir
ragi-
o Ba-
tra-
uma
da
tão.
Em
a se-
plo
win,
gina
cada
fera
por

cução quase perfeita.
Encerrando a noite, Miskovith e Veronika deram-nos o sempre apreciado "Romeu e Julieta", numa versão plausível e correta, embora pessoalmente reclamássemos de Veronika uma dosagem e titulação dramática das vivências de Julieta em maior consonância com as palpitações do lirismo com que Shakespeare anima a alma da infeliz Capuleto, e que representa talvez a versão de mais arte e veracidade conhecida sobre a tragédia de Verona.

Regencia e orquestra bem conduzidas pelo labor consciencioso e brilhante de Italo Izzo, principalmente em Bach e Tchaikovsky. Por fim, não seria licito omitir um aplauso para Livio Rangan, arte-são exemplar que está transformando o Cultura Artística em teatro de encantamento e já tornando o "balé no Brasil" visível do estrangeiro. Misto de juventude, sonho e "business", oxalá um dia alcance ele o mesmo plano desse príncipe das artes que foi Diaghilev. Nenhum elogio indecoroso neste voto, com o qual queremos apenas reclamar que em torno de Rangan se congreguem agora um Portinari, um Villa-Lobos ou outros "grandes", para a tentativa da criação original que seria um monumento de glória à arte brasileira,

de Pegu
maneira
publicada
pistas m
Mose, De
outros, c
tra pelos
fubeto d
mesmo a
deve ser
independ
que quas
traduzido
tigrilli, d
randello
nhões qu
portuguê
Twain já
vos como
George V
tion upo
original
que trac
Eu
duzar u
uma frag
que um
que o de
zes é in
a graça
palavras
definição
vel "Poker
de boners" que,
traduzidas para o português, não
conservam o mesmo espírito do
original. Mesmo assim, Vinicius de
Moraes conseguiu, ao traduzir al-
guns "boners", transladar um pou-
co de sua graça.

maraca roca.
De ambas voltaremos a tratar
detalhadamente.